



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Instituto de Letras – IL
Departamento de Teoria Literária e Literaturas – TEL

Beatriz de Carvalho Santos

COM CARINHO: CARTAS DE UMA GRADUANDA EM LETRAS

Brasília
2024



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Instituto de Letras – IL
Departamento de Teoria Literária e Literaturas – TEL

Beatriz de Carvalho Santos

COM CARINHO: CARTAS DE UMA GRADUANDA EM LETRAS

Monografia em Literatura apresentada ao curso de Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada e Bacharela.

Orientadora: Profa. Dra. Patricia Trindade Nakagome.

Brasília
2024

À menina das letras, que, finalmente, ensinou
as estrelas a escrever.

AGRADECIMENTOS

Acredito ser difícil para qualquer escritor que veja a sua obra completa lembrar de todos os nomes que merecem vir numa seção como esta, ou numa dedicatória, por exemplo. No meu caso, é mais ainda. Considero-me sortuda por possuir um círculo social tão vasto e amoroso. Poderia incluir o nome de toda a minha família, ou até mesmo dos meus personagens fictícios preferidos – afinal, este texto se trata de uma monografia em literatura. Entretanto, serei breve, sem citar nomes. Os remetentes sabem exatamente quem são. Agradeço, portanto,

À minha avó, que sempre lutou pelo meu acesso à educação, percorrendo algumas longas distâncias para garantir a minha bolsa de estudos na escola; que me criou com tanto amor, afínco, esmero e que é, muito fortemente, a pessoa que mais me ama e a que eu mais amo em toda a galáxia;

À minha mãe, que foi a primeira pessoa a me alfabetizar e a me apresentar as letras, as palavras, o mundo, a parceria, a vida e a incondicionalidade do amor;

Aos meus dois tios, às duas minhas tias e aos meus dois primos: a mais velha, que me fez me apaixonar pela Universidade de Brasília, e ao mais novo, que me faz sentir vontade de lutar para vencer todos os dias;

Aos meus principais mestres e mestras inspiradores, desde os meus professores favoritos na escola, com quem sempre conversei como uma amiga à altura, sempre admirando-os de longe, desejando um dia chegar perto daquilo que eles representavam para mim, passando pela minha primeira chefe do estágio, que sempre me inspira a brilhar, até a minha orientadora dos sonhos, que, à mesma medida que o curso, me proporcionou as melhores e mais sensíveis, profundas e especiais experiências que poderia viver na graduação; quem verdadeiramente me fez descobrir a literatura, me fazendo também perceber ter sido escolhida por ela;

Aos meus verdadeiros e melhores amigos – incluindo os que ganhei graças à faculdade –, que sempre me apoiaram na escolha da profissão e me ouviram desabafar (por algumas horas, talvez) acerca das aventuras da vida, da escola, da universidade, dos relacionamentos e das nossas histórias, sejam fictícias, recentes ou contadas de mais de uma década;

Aos meus futuros alunos, os quais eu ainda não conheço e para quem eu já desejo todos os sonhos do mundo inteiro. Espero poder ajudar a realizá-los um dia; e

A você, meu leitor, minha leitora, que escolheu, por algum motivo, estar lendo este compilado de cartas confusas e sentimentais ao extremo.

Obrigada.

RESUMO

Este trabalho trata-se de um compilado de textos reflexivos em formato de cartas que representam uma monografia com o objetivo de pensar, analisar e problematizar o curso de Letras, observando os seguintes aspectos: literatura, Língua Portuguesa, licenciatura, educação, pesquisa e docência. Como base metodológica, utiliza-se o método analítico-descritivo da autoetnografia, bem como a concepção bakhtiniana de polifonia (1986) e a freiriana de inacabamento (1996). Por meio da revisão de memórias e vivências, junto à bibliografia selecionada, objetiva-se, sobretudo, abordar sonhos, expectativas, desejos e pensamentos que se afirmam, se contradizem e se completam de uma graduanda da área e futura professora de Língua Portuguesa. Sob essa ótica, tal compilado de cartas revela como o medo dá lugar ao mais profundo amor pelo curso e pela profissão, de modo que se observe o nascer de uma profissional devota às suas escolhas e apaixonada pela educação, pela escrita e pela leitura.

Palavras-chave: Autoetnografia; Literatura; cartas; educação; Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This work is a compilation of reflective texts in the form of letters that represent a monograph with the objective of thinking, analyzing and problematizing the Language Graduation course, observing the following aspects: literature, Portuguese language, licentiate, education, research and teaching. As a methodological basis, the analytical-descriptive method of autoethnography is used, as well as the Bakhtinian conception of polyphony (1986) and the Freirean conception of incompleteness (1996). Through the review of memories and experiences, accompanied by the selected bibliography, the objective is, above all, to address dreams, expectations, desires and thoughts that affirm, contradict and complete each other of an undergraduate student in the area and future Portuguese teacher. From this perspective, this compilation of letters shows how fear gives way to the deepest love for the course and the profession, so that it's possible to observe the birth of a professional devoted to her choices and passionate about education, writing and reading.

Keywords: Autoethnography; Literature; letters; education; Portuguese.

As pessoas têm estrelas que não são as mesmas. Para uns, que viajam, as estrelas são guias. Para outros, elas não passam de pequenas luzes. Para outros, os sábios, são problemas. Para o empresário, eram ouro. Mas todas essas estrelas se calam. Tu, porém, terás estrelas como ninguém nunca as teve...

(Antoine de Saint-Exupéry)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
ATO I: DA ESCOLHA DA PROFISSÃO AO CURSO DOS SONHOS	14
CAPÍTULO 2: A CHEGADA À UNIVERSIDADE E O DESCOBRIMENTO DO MUNDO	21
ESTROFE 3, VERSO 4, O CLÍMAX: O PODER SENTIR E O PODER AGIR	26
EPÍLOGO: DAS ENTRELINHAS QUE COMPÕEM UM(A) ESTUDANTE DE LETRAS	36
A QUEM INTERESSAR POSSA	43
BIBLIOGRAFIA	45

INTRODUÇÃO

Ainda não sei se o que você lê agora se trata de um rascunho ou de uma versão definitiva; a forma como escrevi, reescrevi, apaguei e repeti tal ciclo incessantemente numa busca pelo primeiro período perfeito vale ser destacado logo no início deste texto. O mais importante, no entanto, para além da palavra e da estrutura, neste caso, é a vivência. Leia conforme preferir. Esta introdução pode ser relida após finalizado o texto. Também vale de trás para frente.

Acredito que aquilo de mais profundo do ser humano, mais do que sua própria consciência em si, seja sua habilidade em ouvir, ler, interpretar, inventar, adaptar e reproduzir histórias. Seja a sua própria, seja a de outrem: de uma vizinha do bairro ou de um personagem fictício. E não acredito que exista, de fato, uma melhor forma de contá-las ou fazê-las serem conhecidas.

Da tríade literária sobre a qual tanto debatemos nas aulas de Literatura hoje em dia, o autor e a obra vêm aqui em segundo plano, pois o leitor ainda se destaca de forma mais acentuada para mim. Algo de muito curioso me chama a atenção na forma pela qual uma só narrativa é e sempre será sentida de forma única, tudo graças a quem se permite conhecê-la – seja, inclusive, pela primeiríssima vez ou por uma quinta. Ler é descobrir o outro e a si mesmo.

Acredito ter sido esse o motivo pelo qual tanto relutei em escrever a minha monografia. Ler textos-base, livros, artigos e ideias de outras pessoas, outros colegas, ou teóricos cujo nome eu nem sabia pronunciar era como chegar em casa a momentos de cair uma boa chuva. Contanto que estivesse segura, o céu poderia desatar a chorar. É uma sensação de segurança, conforto, certeza. Jamais haveria erro. Ler é simples. Bastaria espantar a preguiça, é claro. Ela sempre foi e sempre será a principal inimiga.

Neste caso, com o “temido” trabalho de final de curso, revelo-me, pela primeira vez, como a escritora que jamais imaginei que seria. Afinal de contas, permanecer na posição de leitora sempre me foi mais agradável. Em minha percepção, não há nada mais pessoal do que a leitura. Não me reconheço ainda, todas as vezes que olho no espelho, como sendo capaz de escrever para tocar como todos aqueles que vieram antes de mim fizeram.

E, talvez, numa prévia concepção minha, chegar ao patamar de escritora – para além de mera aluna ou pesquisadora – requereria um romance de ficção tão complexo quanto os do período romântico. Esqueci, entretanto, que é preciso *tornar-se* e *permitir-se* tocar. Afinal, tudo na vida se *aprende*.

E o meio não é tão importante nesses casos. Basta um ensaio, uma carta, uma monografia para começar. Este é o meu relato, o meu resultado e a prova de que um dia tive coragem para escrever ao invés de apenas ler, admirar ou rascunhar.

Enxergue este texto como um convite à leitura ou um mero produto da autoetnografia, base metodológica deste trabalho, sobre a qual explicarei adiante. Não é de minha pretensão, ainda, definir ou criar conceitos que possam ser usados como “verdades absolutas”. Não quero, a partir da minha experiência, generalizar toda a vivência de um curso que, por si só, é tão pessoal e diverso. Não pretendo – com minha *pouca* experiência – definir como se sentem todos os aspirantes à docência nem influenciar negativamente um(a) futuro(a) estudante de Letras ou os meus colegas que permanecem na graduação.

Dito isso, chegaremos, juntos, aos finalmentes: este trabalho se trata de uma reflexão literária, crítica e pessoal acerca do curso de Letras – Português, da docência, da educação, da graduação, da Literatura e da vida a partir das experiências que acumulei ao longo do meu período na universidade (e também fora dela). Neste texto, você terá, portanto, contato com algumas das minhas versões. Desde o meu eu de 18 anos, recém aprovada no vestibular, à menina que escreve, provavelmente, esta grande carta.

Menos de quatro anos completos se passaram para que eu reunisse, nestas páginas, um acervo de crítica e reflexão inacabado (Freire, 2020), polifônico e incompleto (Bakhtin, 1986; 2018) – tendo em vista que a vida continua acontecendo – e o apresentasse a você como um conjunto de cartas de uma graduanda em Letras – elaboradas com carinho aos meus primeiros leitores e destinatários – e à minha orientadora como documento e pré-requisito para aprovação no curso. Claro que, no fim das contas, esse documento se resume a muito mais do que um mero documento. Para além dos aspectos formais, acadêmicos e burocráticos, este “documento”, reitero, é a prova da minha *autoria*.

Por fim, deixo um adendo: os títulos das partes deste texto têm uma lógica. É simples, fácil de entender: é como um relato autoetnográfico, pessoal e crítico em formato de monografia com destinatário e enredo. A explicação por trás da mescla de gêneros literários, você deve estar se perguntando, se encontra na minha própria experiência pessoal, quando marcada por momentos em que vivi performances e assumi papéis (em “Ato I”), ou quando me vi como leitora de novas histórias (em “Capítulo 2”), outrora me desafiando a ser poeta, descobridora de novos horizontes (em “Estrofe 3, verso 4, o clímax”) e em como passei a me assumir escritora, finalmente dona das minhas próprias palavras (em “Epílogo”), de forma a interligar todas essas partes, isto é, facetas da minha própria experiência literária, com a intenção de direcioná-las a alguém.

O drama (ou peça teatral), o romance (ou conto), a poesia, a crônica, o artigo científico e a carta são pedaços essenciais de todas as minhas escritas. Nesta monografia, portanto, faço o exercício de juntar tais aspectos exclusivos, intrínsecos a cada gênero, mesmo que apenas em forma de título ou menção honrosa, para destacar a variedade de personas existentes em mim, as quais legitimam, inclusive, a existência de uma profissional de Letras, e também a variedade de possibilidades linguísticas presentes na própria faculdade. Caminho, dessa forma, de mãos dadas com a interdisciplinaridade, o autoconhecimento e a metalinguagem.

Em suma, é isso o que é: um convite à leitura da jornada de uma estudante de Letras apaixonada pelo seu curso e pelas oportunidades que surgiram em sua vida; que atua um pouco, dia após dia, no grande palco da vida; que sonha acordada, dia e noite, com os alunos que ainda não têm e que estão por vir; que lê pensando em si e escreve pensando em quem lê; que ama dar e receber cartas; e que direciona esta, provavelmente a mais importante de sua vida, a você.

* * *

Brasília, primícias de julho de 2024.

Caro leitor,

Começarei pela parte burocrática. Nas próximas linhas, apresentarei a base metodológica deste trabalho. Apesar de se tratar de um compilado de cartas, redijo este texto nas normas ABNT. Talvez ainda não tenha me libertado, de fato, dos padrões textuais acadêmicos que me moldaram. Você pode escolher ler sobre alguns conceitos teóricos, ou pode pular direto para a página 14. Fica a seu critério.

Começo definindo, primeiramente, o que entendo por etnografia, teoria que também será utilizada neste trabalho, tendo em vista que também refletirei acerca da minha observação de comportamentos de outrem comuns aos meus. A etnografia é um método comumente utilizado pela Antropologia, que serve para (d)escrever experiências, comportamentos, culturas e vivências de determinada pessoa ou comunidade por meio da observação direta e ativa, incluindo o *ouvir* e o *sentir*. Se passarmos, portanto, a utilizar o prefixo *-auto*, de origem grega, cuja semântica indica “a si próprio”, fica mais fácil compreender que a *autoetnografia* tem como base a etnografia voltada para si mesmo e para suas próprias experiências e vivências, uma escrita do todo a partir de si, bem como uma autorreflexão. Mas, veja bem, a autoetnografia difere da autobiografia. São conceitos, formas e escritas distintos.

A pesquisadora e socióloga norte-americana Carolyn Ellis, especialista no assunto, entende que a autoetnografia é, assim, um método que pode ser usado na pesquisa investigativa e na escrita, cujo objetivo é analisar sistematicamente uma experiência particular, a fim de compreender uma experiência cultural (Ellis, 2004).

Para Leon Anderson, a reflexão que a autoetnografia gera

[...] expressa a consciência de sua conexão necessária com a situação de pesquisa e, portanto, seus efeitos sobre o sujeito pesquisador. [...] Numa abordagem mais profunda, esse processo envolve uma consciência da influência recíproca entre etnógrafos, suas configurações e informantes. Implica uma introspecção autoconsciente guiada por um desejo de entender melhor tanto o 'Eu' e os 'Outros' através do exame de suas ações e percepções em referência ao e no diálogo com os outros (Anderson, 2006, p. 382, grifos meus).

De forma mais próxima e prática, caso o conceito ainda não tenha ficado claro, trago a definição de uma colega. Usarei sua concepção como base das experiências e dos sentimentos relatados nestas cartas. Morgana Fernandes pontua, em sua monografia, que

A autoetnografia, acredito, casa bem com o falar sobre Literatura – por mais que alguns queiram, é impossível que nos ausentemos de nós mesmos. [...] A autoetnografia é a liberdade de, academicamente, falar sobre aquilo que nos toca, sem disfarces (Fernandes, 2022, p. 10).

Acredito que “aquilo que nos toca” muito se aproxima da literatura que vivemos, lemos, consumimos e escrevemos no dia a dia. Literatura é arte viva. Se lemos um miniconto a caminho do trabalho num dia conturbado, somos capazes de nos divertir. Se escrevemos duas páginas de um diário quando crianças, documentamos. Se enfrentamos uma doença global por quase dois anos e nos vemos presos dentro de casa, precisamos, de alguma forma, alimentar o espírito humano. Com literatura. Talvez ela esteja num quadro que você observa ou no sorriso do autor que foi ao jornal matinal divulgar seu novo livro infantil. Eu acredito que, assim como a química, a física e a biologia, a literatura se encontra no mundo, em mim e em você.

Talvez ela não seja acessível a todos, questão que discutiremos adiante, e talvez nem todos permitem-se dar-lhe pouco do seu tempo. O mundo é capitalista, as horas são dinheiro, o capital e os livros não são para todos. Mas certas músicas que você ouve o artista de rua cantar, enquanto passa apressadamente em direção ao ponto de ônibus para tomar sua condução, foram inspiradas em poemas. Ela está presente em todas as partes. E a graça da vida e da literatura é essa.

A Literatura nada mais é do que a história do mundo descrita e narrada em estilos e técnicas diferentes daquilo que se encontra num livro didático de História. E, por falar em

História, essa com agá maiúsculo, passamos a refletir acerca daqueles que se esforçaram e se esforçam para não só documentá-la ou explicá-la, mas para contá-la, uma vez que nenhuma narrativa é dotada de uma só voz.

É por esse fator que me sinto lisonjeada em dividir a minha narrativa com as vozes e com os pensamentos e sentimentos daqueles que ajudaram a estruturá-la. Justifica-se aí a outra parte de minha metodologia: o conceito bakhtiniano de polifonia, isto é, esse conjunto plural de vozes, que se combinam em discursos, falas e reflexões, todos voltados a uma construção conjunta de um texto. Não que outras pessoas para além de mim tenham, de fato, no sentido literal, escrito as palavras que você lê agora, mas destaco, nesta parte, a importância de compreender a concepção de que os conhecimentos que adquiri ao longo de minha jornada, a fim de estruturar este trabalho, foram resultado de processos compartilhados com outros seres.

É claro que o sobrenome que aparece na assinatura deste trabalho é o meu, porque eu sou a remente dessas cartas. Todavia, admitir a minha autoria e o meu protagonismo literário não anula reconhecer que a polifonia também é uma grande aliada na(s) minha(s) história(s). O fator oculto, escondido nas estrelinhas, é que outros sobrenomes também podem e devem compor a minha contribuição acadêmica, que, ao contrário do que você possa pensar, não se inicia aqui, muito menos se finda.

Para concluir, portanto, as explanações e teorias, é com o inacabamento, também de Mikhail Bakhtin e, mais ainda, de Paulo Freire, que passo a dialogar agora. Toda e qualquer reflexão que eu possa vir a ter está autorizada a ser replicada, contestada e completada. Afinal, o homem, por si só, é inacabado, como explica Freire: “Aqui chegamos ao ponto de que devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou a sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento” (Freire, 2020, p. 50).

E é por isso que essas cartas são *apenas* o produto de uma monografia em literatura. Há muito mais ainda o que contar, o que escrever e o que viver: a dissertação de mestrado que defenderei em alguns anos, a palestra que espero um dia ser convidada a dar em algum evento sobre escolha vocacional, a apresentação de um trabalho em feiras, revistas e exposições, as aulas que prepararei com carinho misturado a um certo cansaço para minhas turmas de Ensino Médio e, principalmente, as cartas que escreverei no futuro, para outros destinatários. O inacabamento se faz presente em cada vírgula ou ponto final explícitos ao longo de todos esses textos. Sempre preferi mesmo trabalhar com as reticências...

Por fim, o porquê da carta. Legítimo a escolha do gênero mais por uma necessidade pessoal em ser lida e ter alguém em quem pensar enquanto escrevo. Deixo, portanto, a fim de

justificar a minha escolha e como uma das citações mais autoexplicativas que conheço, a fala bakhtiniana centralizada à palavra; a palavra compartilhada, escrita, formulada, a palavra que sai de mim e chega até você:

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão de um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isso é, em última análise, em relação a uma coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é território comum do locutor e do interlocutor (Bakhtin, 1986, p. 113, grifos meus).

ATO I: DA ESCOLHA DA PROFISSÃO AO CURSO DOS SONHOS

Brasília, ainda no início de julho de 2024.

Uma vez, na escola, ouvi de uma querida amiga que ela sentia inveja de mim pelo fato de eu já ter escolhido o meu curso e por ter sido “agraciada”, desde nova, a saber exatamente o que eu queria para o meu futuro. A contar de quando ainda era criança, inventava nomes – organizados numa chamada em ordem alfabética – para os meus bichinhos de pelúcia enfileirados na cama. Ser professora é o que eu sempre quis ser. Só não sabia ainda como e nem do quê. No sexto ano, havia pensado em geografia, veja só, a matéria de que menos gostava no Ensino Médio (acho que física nem conta, mas deixo-a entre parênteses como uma menção honrosa por ter sido o pivô das minhas notas mais baixas dos boletins). A escolha veio no oitavo ano. De forma definitiva. Não tenho uma data exata, só me lembro do ano. Era o Português e, a partir dali, para sempre seria.

A resposta que dei à minha amiga, para reconfortá-la de alguma maneira, foi que saber o que já se quer para o futuro tornava as coisas muito mais difíceis, já que a pressão de passar no vestibular era ainda maior. Ainda vejo um pouco de sentido nesse pensamento, mas não da mesma forma como via antigamente. Hoje percebo que fui cruel com essa amiga. E que a Educação Básica havia sido com as duas de nós.

Acho lamentável o sistema de ensino brasileiro cobrar que jovens de catorze a dezoito anos decidam uma “profissão”, coagindo-os a entrar na universidade. Não são apresentadas a esses jovens as diversas oportunidades que a vida adulta pode reservar. Nem todos gostariam de fazer uma faculdade. Nem todos precisam fazer uma faculdade. Nem todos querem fazer uma faculdade, mas é o que lhes resta a seguir, por questões particulares, por pressão social, pela obrigação em inserir-se no mercado de trabalho, por ser, talvez, a única alternativa apresentada pós Ensino Médio. Nem todos sabem o que é uma faculdade. Nem todos devem ingressar na faculdade. E alguns se desesperam, devido a uma primeira recusa no vestibular, a uma época tão marcante como é a fase da adolescência, se sentem culpados por decepcionarem as altas expectativas que os adultos lhe atribuíram, e passam a pensar que a vida e as oportunidades acabaram; que jamais realizarão seu tão profundo sonho de se tornar universitário.

O que, na realidade, é ser universitário? Eu me questionava aos dezesseis anos durante os Cine Clubes que o professor de Sociologia ofertava às terças à tarde para discutir sociologia, filosofia, história e literatura. Ele costumava comentar, com muita ênfase, sobre o quão diversa

e maravilhosa era a universidade. Ele nos incentivava bastante a consumir os clássicos da Literatura Brasileira, a ouvir Música Popular Brasileira (MPB), a fomentar, desde cedo, o pensamento crítico e, principalmente, a ingressar na Universidade de Brasília (UnB).

Acredito que eu compartilhava do seu mesmo carinho pela UnB até antes de sequer ter ido conhecê-la pessoalmente – já que fui muito influenciada também pela querida prima mais velha, mencionada nos agradecimentos desta monografia; seguir seus mesmos passos sempre foi um objetivo.

Da mesma forma como me senti realizada e “pertencente àquele lugar” no primeiro dia de aula do Ensino Médio, me senti na primeira vez que pisei na UnB. Fora uma visita breve, engraçada, estava com minha amiga, era período de férias e não havia ninguém na universidade. Eu corri em direção ao primeiro anfiteatro que achei, desci rapidamente a escadaria e subi no palanque (espécie de degrau) que ficava logo abaixo da lousa. Procurei algum giz jogado e o achei no que seria a mesa do professor que ali daria aula. Não me lembro do que rabisquei no quadro negro. Me lembro do que pensei ao fechar os olhos. *Por favor, por favor, por favor, me deixe passar no vestibular, me deixe pertencer a essa história, me deixe me formar neste lugar.*

Não foi de primeira. Quando não achei meu nome na lista de aprovados, desatei a chorar. Era janeiro de 2020. Dois meses adiante, viveríamos todos uma pandemia.

Só passei na segunda chamada para o segundo semestre e só retornei a pisar novamente na UnB em 2021, pós-vacina. Ainda assim, não poderia viver uma “calourada” que sempre pensei que viveria. Queria, de todas as formas, escrever “LETRAS” com tinta azul, verde ou vermelha no meu antebraço e ser recebida no primeiro dia de aula com chuva de farinha como via todos os calouros vivenciando as boas-vindas. Não vivi nada disso. Meus três primeiros semestres foram realizados à distância.

* * *

Na graduação de licenciatura em Letras, o aspecto do “transformar-se” de discente a docente é longo, profundo e tão íntimo, que não possui fórmula alguma. Talvez na matemática ou na física as coisas sejam um pouco diferentes. Jamais vou saber, escolhi trilhar o caminho das respostas não-exatas.

Alguns dos meus amigos dizem que pensar cansa. Eu concordo, mas com nuances. Voltando à época da escola, lembro-me da fala de uma professora querida de matemática, no sétimo ano, ao ouvir que seus alunos discutiam sobre qual era a melhor matéria da escola e o porquê de ser educação física. Ela havia dito que nós deveríamos, primeiramente, buscar nos

encaixar em pelo menos uma área, escolher uma disciplina favorita era o de menos. Era claro que a educação física passava a ser um período acolhedor logo após todas aquelas operações de álgebra (não para mim, eu sempre amei matemática!), mas isso não dispensava conhecer as obrigações da vida, ou seja, os conhecimentos indispensáveis que as exatas nos apresentariam e as diversas possibilidades de ideias, contemplações e caminhos que as humanas permitiam serem criados.

No fim das contas, acho que respondi à professora que eu sentia me encaixar nas duas áreas, já que, mesmo sendo boa com as palavras, eu também gostava bastante de trabalhar com números (ou *letras*, já que ela acabara de introduzir para a turma as funções de primeiro grau). Ela disse que estava tudo bem e que o Ensino Médio nos ajudaria a perceber com mais clareza nossa afinidade com as áreas. A princípio, não ajudou. Só me fez me apaixonar mais ainda pela matemática, pela química, pela história e pela sociologia. *Muito bem, jogo empatado. Para qual lado eu deveria pender? Deveria ser mesmo tudo preto no branco? O português entrava no mundo das humanas ou das linguagens?* Nunca soube responder. Hoje percebo que entra em ambos. E, se me pedirem para identificar o nome de um ácido me oferecendo sua fórmula química, não vou saber responder. A aluna que havia decorado todos os ácidos, as bases e os óxidos na segunda série virou história. Já a história continuou a me acompanhar por causa da literatura.

Assim, mesmo após um breve flerte com as exatas, chego à conclusão de que as disciplinas de humanas sempre me pareceram mais interessantes. Talvez pelo fato da especulação, da mescla com o empirismo. O pensar, o dialogar, o argumentar, o conhecer, o descobrir e o inventar sempre me chamaram mais atenção. No final da terceira série, cheguei a considerar cursar Ciências Sociais e ainda considero me especializar, quem sabe, em alguma disciplina de História, mas sempre pertenci à Língua Portuguesa. Acima dela apenas, acredito atualmente que, escondido até então, estava aquele sentimento de pertencimento à *educação*.

Como você pode perceber devido aos meus devaneios e flashbacks, caro leitor, o ambiente escolar sempre foi o meu favorito. Não gostava de entrar de férias porque sentia falta de uma rotina já bem estruturada e da movimentação do colégio. O ritmo escolar é interessante. Quando adolescente, você não se dá conta de como a vida ainda pode piorar; você reclama de dever de casa e do atestado do professor de educação física. São experiências únicas, as dos alunos de Ensino Médio. No fim, te sobram despedidas dos seus professores favoritos e a colação de grau mais importante da sua vida até o momento. O fim da educação básica é definitivo. Uns se adaptam instantaneamente, outros levam algumas pancadas da vida.

Porém, até então, eu só havia dado aula aos meus bichinhos de pelúcia e aos meus colegas de turma, por iniciativa própria, como quem lidera um clube de estudos nascido de algumas notas vermelhas em geografia. Eu dava aula de conteúdos que ainda nem dominava. Eu reexplicava o que os professores afirmavam se encontrar nos textos. Eu traduzia o que o livro didático não era capaz de transmitir. E eu lutava diariamente contra um sistema que me fez desenvolver ansiedade, transtorno de personalidade e autocobrança obsessiva.

Apesar de ouvir de parentes e até professores que tanto admirava que a educação não tinha futuro e que eu seria capaz de chegar muito mais longe se quisesse, jamais me permiti desistir desse sonho. É claro que algumas das minhas reflexões atuais não eram sequer imagináveis na época, porém eu jamais romantizei o ofício. Eu jamais sequer desejei sair do país. Para mim, não haveria graça em sair do Brasil para dar aula de português. Eu não sabia que era possível, de fato. Eu não sabia que a comunidade de brasileiros (e falantes do idioma) vivendo no exterior é vasta. Eu não sabia que precisava de habilitação para dar aula de português como segunda língua para estrangeiros. E eu não queria saber de nada disso. Só queria estar em sala de aula, porém não mais como aluna.

Seguia, portanto, decidida sobre qual futuro eu gostaria de construir. Me arrepiava o sentimento de poder me vislumbrar dando aula, de poder criar laços com outras pessoas, de despertar curiosidade, de cultivar amizades; me arrepiava o sentimento de poder ensinar. Porque desde sempre eu aprendi – e acredito e defendo ferrenhamente – que a educação é a base de qualquer ser. A educação é aquilo que nos salva como seres humanos. E ser professor é, acima de tudo, ser humano. É ser apaixonado por aquilo que faz. É ser feliz. É se frustrar. É aprender. É se colocar em segundo lugar. É oferecer o que você tem de melhor para transmitir. É dar o seu máximo, não necessariamente para que gostem da sua aula ou da sua matéria em si, mas que, quando o sinal do término do horário tocar e, então, você se retirar da sala de aula, deixar na mente e no coração dos seus educandos a sua marca nas palavras que você escreveu no quadro ou que simplesmente permitiu-lhes ouvir.

Mais do que ser motivo de orgulho e de alegria para os meus professores, o meu maior sonho mesmo era poder encontrá-los pelo menos mais uma vez só, como colega de profissão, para poder agradecer por a dedicação que todos eles tiveram nesse processo de me formar com os mais diversos conhecimentos e valores. E eu me sentia a garota mais sortuda do universo por poder absorvê-los todos os dias; me sentia sortuda por ter escolhido seguir na carreira docente.

Alguns dos meus professores percebiam o meu sonho e me incentivavam. Apesar de tudo, a maioria ainda se animava ao me ouvir falar sobre o meu desejo. Meus amigos diziam

que eu havia “nascido pra isso”. Minha mãe e minha avó sempre confirmavam para todos que chegavam a duvidar as minhas “brincadeiras de criança”. As minhas notas refletiam muito bem a minha vontade. Todos diziam que o curso combinava bastante comigo.

E eu ainda nem sabia o que, de fato, era o curso.

Não lembro muito bem, só vim descobrir que era intitulado “Letras” muito tempo depois de já ter enraizado na mente que eu iria para a faculdade para fazer “Português”, pensando que português não se fazia, se aprendia. Eu ainda não sabia que, em Letras, o aprendemos, o ensinamos e o fazemos, coletivamente.

Na Universidade de Brasília, o curso de Letras, há época “Letras Brasileiras”, fazia parte dos três cursos-tronco iniciais que compunham a universidade desde sua fundação, em 1962. Apenas uma década depois, o bacharelado e a licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Língua Francesa foram reconhecidos. De acordo com o Censo da Educação Superior 2022, mais de 2.900 alunos estavam registrados no Instituto de Letras (IL) da UnB em 2022.

Atualmente, somamos basicamente o mesmo número. Não vou saber te informar quantos alunos matriculados havia na época que entrei. Sei que compomos um dos cursos mais populares da academia, com peso histórico e fundamental para a universidade. Mas não se engane, sei disso agora. Na época da minha escolha, era um fato desconhecido.

Lembro-me de estar no último horário da tarde, na aula de artes, oitavo ano. Estávamos do lado de fora da sala, no pátio, todos em duplas pintando alguns quadros. Pop Art dos anos 50. Eram quase 18h40, o sinal estava prestes a tocar. E eu comecei a pensar na faculdade e no futuro. Queria mesmo ser professora de português, estava no sangue, na alma e no coração. Me imaginei no lugar da professora de artes ensinando aos meus alunos o porquê de o curso se chamar Letras. Fato curioso é que nunca pensei em ser professora universitária. Eu sempre gostei da adolescência.

Alguns anos depois, antes mesmo de ver meu nome numa lista de aprovados, descobri que o curso de Letras tem um símbolo. Carrego-o no chaveiro pregado ao meu estojo – presente de um amigo agora muito distante. Trata-se da flor-de-lis, surgida como uma figura, que também nomeia uma planta conhecida como Lírio Asteca, da espécie *Sprekelia formosissima*. A flor-de-lis relembra um brasão. É um símbolo associado à monarquia francesa, especialmente ao rei Luís VII, que, de acordo com historiadores, fora o primeiro monarca a utilizar o símbolo em documentos oficiais e emblemas. Deixo logo abaixo a sua imagem a fim de que você possa visualizá-la sem precisar pausar a leitura para realizar uma rápida pesquisa:

Flor-de-lis¹

No contexto, ela representa o curso de Letras por abarcar, em suas três únicas pétalas, as três grandes áreas do curso. A justificativa que mais me chama atenção é a de um autor chamado Renan, também letrista e descrito como professor e mestre em Estudos Literários, cujo sobrenome ou nome completo não foram divulgados. Em sua análise semiótica da flor-de-lis como símbolo do curso, ele revela que:

As três pétalas superiores representam a tríade que compõe o curso: Linguística, Literatura e Gramática.

1- A pétala do meio é a Literatura (Letras em latim é *Litteris*). Por sua etimologia é a pétala central. Repare que ela aponta para cima, para o ideal, o elevado.

2- A pétala da direita é a Gramática, a tradição conservada.

3- A pétala da esquerda é a Linguística, a ciência, a revolução racional e crítica.

O traço horizontal no centro da imagem representa a união entre as três pétalas (Linguística, Literatura e Gramática) como um feixe.

Cada pétala tem sua continuidade abaixo do traço horizontal, ou seja, um lado idêntico, porém, oposto. É a representação da Dialética, a antítese de cada pétala, logo, a figura como um todo é uma síntese, representando o equilíbrio (Renan, 2014).

Do ponto de vista semiótico (e pessoal), acredito ser a análise mais coerente que já encontrei e a que mais me fez entender como o curso era estruturado. Seguindo uma tradição, encontram-se as literaturas clássicas e a gramática. Tomando caminhos mais atuais estão a linguística e as literaturas contemporâneas. Em Letras estudamos muito sobre cada uma das três áreas, apesar de algumas se sobreporem a outras. É curioso pensar que, na estrutura curricular canônica – e na atual –, estudamos obrigatoriamente todas as literaturas, desde a portuguesa da época das Grandes Navegações até os textos e produções mais recentes, e nos vemos numa obrigação e num dilema de escolher uma entre duas disciplinas interessantes de linguística, que, claro, são optativas e ofertadas anualmente.

¹ Ver em/retirado de: VEXELS, 2024. Disponível em:

https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fbr.vexels.com%2Fmerch%2Fpng%2Fflor-de-lis%2F&psig=AOvVaw106gJEEyJoET_rBD27jP11&ust=1724985415410000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CBcQjhXqFwoTCKDwvOOVmYgDFQAAAAAdAAAAABAI. Acesso em: 28 jul. 2024.

Antes que você se empolgue, aviso que deixarei para desenvolver esse raciocínio mais para frente. Gostaria apenas que soubesse do básico acerca do curso. Visualizar o nascimento dessa estudante e dessa flor-de-lis, tão representativa, é o que eu gostaria que o meu interlocutor fizesse ao longo dessa jornada universitária.

CAPÍTULO 2: A CHEGADA À UNIVERSIDADE E O DESCOBRIMENTO DO MUNDO

Brasília, à tarde, final de julho de 2024.

Um receio que sempre tive dentro de mim foi o de não me encaixar na graduação. Pensava que, no curso de Letras, todos os meus colegas já haveriam lido a obra completa de Machado de Assis e Clarice Lispector. Pensava que eu não seria capaz de estabelecer com os meus colegas um diálogo qualquer. Eles, mais espertos, inteligentes e mais leitores do que eu. Eu, tão apaixonada por literatura estrangeira e fantasia, a garota que ainda não havia superado seu tempo na escola. É contraditório pensar que aquela que tanto queria se tornar universitária não parava de pensar nos amigos que não mais veria todos os dias pela manhã e nos professores que tanto admirava e a admiravam de volta.

A escola era fácil. Já aquela novidade estava me tirando do sério. Montar sua própria grade de disciplinas, pedir mudança de turma devido a comentários dos veteranos acerca do docente que ministrava a primeira obrigatória de literatura, brigar com o sistema por não ter conseguido pegar Literatura Portuguesa – Renascimento, acumular dois romances decerto volumosos para ler em apenas duas semanas... Foi uma mudança brusca. Foi tudo muito rápido. O comportamento, o ritmo, o pensamento, a abordagem, a rotina, era tudo novo. Eu era uma no primeiro no semestre, no segundo já era outra. Na primeira aula do dia, era a primeira a ingressar na reunião, na última, eu cedia ao sono e dormia, deixava o celular ligado na chamada, me certificava de câmera e microfone estarem ambos desligados, fechava os olhos e dormia.

* * *

É uma coisa triste andar pelos corredores vazios da sua universidade. Assim como “lugar de criança é na escola”, me ver distante de ambos os lugares me gerou angústia e ansiedade. Produzia expectativas diariamente e acumulava uma ânsia em encontrar meus professores presencialmente. Ainda não sabia localizar uma sala ou desvendar as siglas dos corredores no ICC. Mas me animava todos os dias que acordava e percebia que era *universitária*.

Em Morfologia, aprendemos que palavras são um conjunto de morfemas, que, por sua vez, são formados por morfes, a menor unidade linguística. Em Letras, aprendemos a pesar palavras, que juntas se findam em textos. Não há, em nenhum outro lugar no mundo, melhor biblioteca do que o acervo próprio que se forma no seu cérebro.

Os vocábulos têm peso, pela sua própria semântica e pelo seu próprio léxico. De acordo com Benjamin Veschi, a palavra *universitário*

Remonta ao latim como *universitas*, associado ao termo universo, determinado no latim como *universus*, determinando-se pelos componentes *unus*, em relação a uma única unidade, evidenciando raiz no indo-europeu **oi-no-*, por único, acompanhado pelo participio *versus* no que diz respeito ao verbo *vertere*, dada a ação de virar, mudar ou derramar, tendo referência no indo-europeu **wer-(2)*, por mudar, e moldando-se ao sufixo *-dade* na forma latina *-tas*, como agente de qualidade. Na Idade Média, o termo *universitas* era usado para designar o grupo de estudantes e professores que formavam os primeiros centros de ensino superior fora das ordens religiosas (Veschi, 2019).

Ser universitária, portanto, era como pertencer ao meu universo favorito, aquele pelo qual tanto lutei para fazer parte. A UnB, eu ainda não sabia, era, de fato, um universo. E cursar aquelas disciplinas, contemplar a estrutura curricular que tanto pesquisei antes de prestar o vestibular, decorar rapidamente aquela matrícula redonda e bonita, tudo isso fez parte de pequenos desejos realizados. As idealizações, todas, sem exceção, estavam ao meu alcance.

Enquanto alguns graduandos das Letras permanecem como eternos alunos de educação básica, outros já são professores particulares, outros jamais leram *Os Lusíadas* na íntegra, outros passam em concursos provisórios do governo, outros já dão aula há mais de 30 anos, outros ganham medalhas de mérito em apresentações científicas e outros lecionam em mente e coração. No meu caso, além de conhecer tantos seres e facetas universitários, logo no início (e ao longo de quatro anos), me vi encantada por uma graduação que me fez ter contato com o mais íntimo do ser humano: pensamentos.

É o curso dos sonhos, eu imaginava. *Eu vou ser professora*, eu respondia a quem me perguntava minha futura profissão. *Eu pertencço à UnB*, eu repetia copiosamente, como um mantra, todas as vezes que pensava sobre a faculdade.

Eu estava ansiosa mesmo para estudar gramática. Morfologia, Sintaxe, Semântica. Eram todas dos semestres mais adiantados. Não sabia ainda o que era de fato a Linguística. A primeira disciplina de introdução eu já havia adiantado nos meses em que ainda não sabia se entraria na universidade. Mas só fui entender de fato essa grande área nas videochamadas das 10h às 11h50 das segundas e quartas. Morria de medo de Latim e do que os veteranos falavam nos grupos de chat do curso. Dei a sorte de pegar Fonética e Fonologia ainda no ensino à distância. Decorar todos aqueles sons para uma avaliação presencial e sem consulta seria a minha ruína. O que me fez começar a desbravar aquele universo fora, verdadeiramente, a realização daqueles sonhos.

Sonhava com o curso dos sonhos. Era, de fato, o curso dos sonhos. Acordava e percebia.

As minhas expectativas, ainda que estivessem sendo cumpridas num formado EaD, ainda assim estavam sendo todas cumpridas. O único susto veio na primeira disciplina de literatura. Entrei na universidade para sair como professora de gramática e fui conquistada, completamente conquistada, pelas aulas de Introdução à Teoria da Literatura (ITL). O dilema, a partir de então, era não saber mais para qual lado pender. Todos já haviam definido os seus. Eu, até hoje, não sei escolher ou dizer qual das duas áreas possui a maior parte do meu coração.

Você, leitor, deve estar se divertindo e provavelmente pensando que chegará ao final dessas cartas com a certeza de que a Literatura venceu, afinal, isso de trata de uma monografia em literatura e não de uma monografia em gramática, voltada para os usos de determinados verbos em expressões morfossintáticas. Não vou te dar *spoilers*, mas a verdade é que é engraçado mesmo: os 50% ainda são definitivos. Sem querer decepcioná-lo, acredito que caminhei próxima da literatura mais por questões práticas e de estrutura curricular do que por escolhas minhas. Mas vou explicar isso com mais critério adiante.

Em ITL, aprendemos conceitos básicos bem como as definições dos gêneros textuais e dos tipos de narrativa. Aprendemos o que qualifica um autor, um narrador e um leitor e aprendemos também o que os desqualifica. Refletimos bastante acerca do cânone literário, dos clássicos e dos contemporâneos. Passamos a ler obras teóricas, críticas e literárias de nomes conhecidos ao redor do mundo inteiro. Criamos, nós mesmos, nossos próprios questionamentos e definições sobre o que é literatura e sobre como fazer literatura.

Eu sempre achei que ler “clássicos” não fosse para mim. Na verdade, eu nunca gostei de sair da minha zona de conforto. Eu sempre tive medo de “encarar” aquela leitura ‘complexa’, ‘lenta’ e ‘diferente’ (por puro pré-julgamento). Mas esse sentimento deixou de existir quando eu descobri possuir como favoritos alguns dos livros que eu sempre deixei na estante simplesmente por serem os tais “clássicos”. Hoje, gosto de dizer que os coleciono à medida do possível, sempre que posso e sempre que me interesse por alguma nova estória.

Levando em consideração o que Ítalo Calvino diz em sua obra *Por que ler clássicos?* (Calvino, 2013): “Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual” (p. 10) e “Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los” (p. 10), cheguei a uma proposição. Classifico como “eternas” aquelas obras e como “imortais” aqueles autores que se encaixam na definição dos clássicos concebida por Calvino e considerando também outros aspectos. Utilizei essa ideia, inclusive,

como norte daquele que viria a ser o meu primeiro artigo científico oficial, sobre o qual até hoje me sinto “especialista”. Mais uma vez, deixo esse assunto para ser desenvolvido na parte destinada exclusivamente a ele.

Na maior parte das disciplinas de literatura, perguntam a você qual seria o seu livro favorito. Poderia citar diversos romances escritos por inúmeros autores de nacionalidades e épocas distintas, pois me encontro facilmente nas estórias de amor, que considero serem sempre atemporais, eternizadas em volumes e mais volumes de livros. Poderia citar as distopias tão valorizadas e comentadas mundo afora, que realmente contribuem na formação de qualquer pensamento reflexivo. Poderia citar todas as aventuras – de que também fiz parte – dos protagonistas canônicos da literatura. E nunca cheguei numa mesma resposta.

Quando penso em qualquer livro, penso na possibilidade de conhecer, de aprender e de viver. Ler é *experienciar* um fenômeno único ligado exclusivamente ao seu ser. É esta a imagem que vejo refletida no *leitor*: a de uma velha concha que se fecha em si mesma, prestes a partir (ao (re)encontro), uma concha que armazena informações para dentro e que se sente feliz, talvez, em compartilhar sua experiência com outrem – seja em rodas informais de conversa, através de resenhas críticas especializadas ou por meio de uma tentativa da escrita de um ensaio.

Mais do que uma velha concha (“velha” aqui se refere ao sentido da sapiência), a imagem de um leitor é a de um corpo que se transforma, porque a leitura é capaz de mudar, tanto no que se refere ao toque quanto ao que se refere à capacidade de se fazer evoluir ou reduzir. O leitor é, dessa forma, a concha e a pérola, seja amador ou assíduo. E foi a leitura que me fez me descobrir: intelectualmente, intensamente, profissionalmente e pessoalmente.

O papel do livro, no fim das contas, é mais que algo mágico (para os efeitos românticos, subjetivos e poéticos deste texto). O papel do livro é o de conquistar. Conquistar primeiras e últimas vezes. Conquistar toques, cheiros e tatos. Conquistar novidades, encontros, culturas, informações, aprendizados. Conquistar memórias e ligações que se permitam ser criadas. Conquistar sensações, sentimentos, emoções. Conquistar mistérios, sonhos, desejos, silêncios e barulhos. Conquistar as viagens aos incontáveis universos proporcionados pelas mentes brilhantes e criativas de quem escreve e de quem lê. Conquistar comportamentos, opiniões, jeitos, atuações. Conquistar a crítica consciente, das percepções mais simples às mais complexas. Conquistar a inventividade, a possibilidade, a originalidade. Conquistar o pensamento de compartilhamento, coletividade, pertencimento e identidade. Conquistar a importância, a relevância, a primazia e a necessidade. *Conquistar pessoas que se permitam conquistar.*

Compartilhar com você esses aprendizados é como retornar ao início do curso, imergindo em saudade. Não pretendi, é claro, sintetizar *todos* os aprendizados que o curso de Letras nos reserva, passar por *todas* as disciplinas de literatura que cursei, apresentar *todos* os pontos de vista dos docentes que as ministraram, citar *todas* as obras que li, de *todos* os autores das mais diversas nacionalidades, escolas literárias e idades que você possa imaginar, muito menos fazer um apanhado daquilo que “considero ser o mais importante”. Não é bem assim. Os parágrafos supracitados tratam-se de concepções próprias, formuladas *a partir* desses *todos*.

Logo, aos poucos, em dias seletos, percebia estar me transformando na adulta que eu via andar apressadamente pelos corredores do Instituto Central de Ciências. A adolescência ficara no passado, a saudade da escola virara um sentimento de nostalgia, o medo já não andava mais comigo. Eu havia descoberto e conquistado o meu mundo, e eu ainda nem o sabia.

ESTROFE 3, VERSO 4, O CLÍMAX: O PODER SENTIR E O PODER AGIR

Brasília, agosto de 2024.

Escrever dói. Não por forçar os dedos num teclado de letras, ou num arranhador de caneta. Escrever dói. Pensar dói. Organizar ideias, coletar dados, estruturar um texto, tudo dói. Mas escrever, escrever de verdade, dói mais ainda.

Imagine, então, juntar a escrita com o colocar em ação. Imagine ser influenciado, logo no início da graduação, a participar de um Projeto de Iniciação Científica. *Muito pomposo o nome, quer dizer que vou fazer ciência?* Na realidade, eu faria pesquisa, me sentiria especialista, ingressaria no hall dos estudantes focados na carreira acadêmica. E tudo o que eu tinha de fazer seria elaborar um plano de trabalho, cumprir um cronograma de leituras obrigatórias previamente estabelecido e escrever aquele que viria a ser o meu primeiro artigo, as doze páginas mais sangrentas da história. Não literalmente, não se assuste. Temos mesmo esse costume de usar muitas figuras de linguagem. E para o artigo, veja só, eu teria que abandoná-las para dar espaço à linguagem mais rígida, normativa e científica: a escrita acadêmica.

Tudo começou com o chamado de um docente, do segundo para o terceiro e do terceiro para o quarto semestre. De aluna destaque, passei à tutora. De tutora, passei à orientanda. Até então, tudo corria bem. Só não contava com o fato de que [REDACTED], que me fez descobrir a pesquisa e em quem tanto confiei, não corresponderia tanto assim às minhas expectativas. Não caminhávamos para a mesma direção. Sua [REDACTED] me faziam questionar o porquê [REDACTED]. Descobri que os e-mails contendo [REDACTED] que eu e [REDACTED] enviamos [REDACTED], quando cursamos [REDACTED]. Nossos textos, [REDACTED]. Ele, [REDACTED], tinha como [REDACTED], não me ajudar a descobrir as minhas.

Você deve estar se perguntando se está, de fato, lendo o arquivo original ou uma versão corrompida. Bem, prezado leitor, as marcações presentes no parágrafo anterior se tratam mesmo de uma autocensura. Neste caso, reflito acerca do fato de que algumas questões se revelam demasiado delicadas para serem tratadas de forma explícita numa monografia. Se a sua curiosidade, entretanto, fez despertar uma vontade em ler os trechos marcados de cinza na integralidade da palavra, da sensação e da revelação, coloco-me à disposição para que possamos marcar uma conversa, num café, quem sabe, para que eu possa te apresentar a minha versão dos

fatos e o que há de encoberto por trás da única ocorrência de censura nestas cartas, já adianto. Às vezes, o silêncio, o oculto e o não-dito também fazem parte de algumas narrativas.

Fazer parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), portanto, foi uma experiência desafiadora, sofrida e autorrealizadora. Meu tema era sobre a escrita machadiana de morte. Meus objetos de estudo foram as obras *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880/81), *O Alienista* (1982) e *Quincas Borba* (1891). Meu objetivo era analisá-las literariamente e comparativamente e concluir que a tese do orientador acerca do autor realista era implacável. Bem, do meu próprio jeitinho, foi exatamente isso o que fiz.

Com o PIBIC, me descobri autora; me descobri perdidamente apaixonada por Machado de Assis; me descobri amante do período realista; me descobri independente e competente; me descobri ser orientadora também. Afinal, sem as devidas orientações do docente responsável, as incumbências de pesquisar, ler, pensar, escrever, concluir, revisar e opinar eram totalmente minhas. Ao meu lado, no mesmo barco, estava a minha melhor amiga e fiel escudeira. Ela também fazia parte do mesmo plano de trabalho, também era orientanda do mesmo docente já referido neste texto. A diferença é que ela analisava Dostoiévski. Eu, Machado de Assis. Nós duas, a morte e suas escritas. E a dificuldade era que o orientador desapareceu sem dar notícias, nos deixando à mercê de alguns vazios e nada num mundo tão conturbado e solitário como é o da pesquisa.

Não queríamos exatamente pesquisar sobre tal temática, queríamos desvendar outros aspectos sobre os autores. Mas a hierarquia acadêmica nos forçara a respeitar um plano de trabalho que já havia sido aceito. As promessas falsas de que nossa autoria era valiosa e de que poderíamos explorar o que quiséssemos caíram por terra.

Os doze meses, prazo de duração do PIBIC, dessa forma, passaram arrastados. Apresentamos, juntas e sozinhas, no Congresso de Iniciação Científica organizado na Semana Universitária, o nosso projeto de pesquisa. Finalmente, a tormenta havia passado. Concluíamos aquele que seria o nosso maior desafio na graduação: a escrita sobre quem amávamos salientando teses que não nos pertenciam.

O resultado? Ora, eu já disse. “As doze páginas mais sangrentas da história”. Mas os números nesse caso não são tão importantes. O sangue, as lágrimas e o artigo são o que ficam. E vejam, eu também me aproveitei da experiência para sair por aí me apresentando como “pesquisadora e quase especialista em Machado de Assis”. Me orgulho muito disso hoje em dia, porque constatei, sozinha, que o Bruxo do Cosme Velho se caracterizaria como autor imortal. Mas os motivos pelos quais o defino como tal você só vai descobrir se ler o meu artigo.

* * *

Não temos, em Letras, que fazer contas matemáticas para traçar algumas linhas geométricas que sejam capazes de fazer levantar um prédio, muito menos extrair, com o equipamento correto, quatro molares de uma vez. Não temos que nos desafiar a descobrir na natureza uma nova espécie, ou a cura de uma doença. Não temos que saber todos os códigos de um programa de computação, ou seguir receitas culinárias à risca. Contudo, às vezes precisamos saber elaborar e revisar alguns processos de forma a respeitar a linguagem jurídica, ou ensinar a uma criança a gramática de um idioma externo, ou ganhar alguns campeonatos de esportes diversos. Precisamos saber performar, à frente de um palco, para apresentar um seminário. Precisamos dominar a comunicação impecável para lidarmos com uma primeira entrevista de estágio. Ou emprego, para os que pularam algumas etapas. Precisamos aprender a ler e a refletir, mais ou menos como faziam os filósofos na Grécia Antiga. Precisamos, inclusive, conhecer a etimologia de algumas palavras e saber distinguir as que derivam do latim e as que derivam do grego. Um estudante de Letras tem um pé na maior parte das disciplinas de humanas, porque um estudante de Letras jamais será somente um estudante de Letras. O curso é multidisciplinar e, em alguns casos, metalinguístico.

Escrever, portanto, um projeto de pesquisa em meio ao terceiro semestre parece assustador. Corrigir alguns trabalhos de uma turma inteira por se tratar de sua função como monitor requer frieza. Candidatar-se a uma vaga na atlética é assumir uma responsabilidade com todo o corpo discente. E passar num processo seletivo de estágio acaba sendo, geralmente, o destino de todo e qualquer universitário.

Estagiar em órgão público é aprender como funciona o Estado, é adquirir maturidade para saber respeitar e lidar publicamente com outras tantas pessoas que farão parte do seu convívio diário, é renunciar à sua vida social em busca do início da liberdade financeira, é ver-se crescendo, dia após dia, numa rotina adulta constante de autodescobrimento.

Não menciono sobre os órgãos e empresas privados, porque ainda não tive a oportunidade de trabalhar em algum. Acredito, entretanto, que a mecânica de cumprir o que deve ser cumprido e respeitar seus colegas e chefe mantenha-se a mesma. Talvez a carga de trabalho seja mais intensa e o fluxo, um tanto quanto desorganizado. Conheço colegas que não são da licenciatura e ainda assim foram contratadas por um colégio particular para corrigir algumas (muitas!) redações. É uma excelente oportunidade para aqueles que gostariam de se consagrar como revisores textuais, mas acredito firmemente ser uma péssima experiência para

quem não quer atuar em sala de aula. Contudo, às vezes os letristas agarram as primeiras oportunidades que surgem, e eu acho que todos eles fazem o certo.

Para alguns, o órgão onde trabalham lhes é suficiente. Para outros, novas e melhores oportunidades aparecem em meio ao caminho. E para mim, o acúmulo de duas funções foi um choque. Uma virada de página brusca. Um novo capítulo passava a ser escrito. Ser universitária e estagiária passou a ser uma coisa só. De repente, vi serem fundidas as atribuições do trabalho e da faculdade. Antes de ser contratada, eu passava as tardes, entre o intervalo de umas três horas de uma aula a outra, na Biblioteca Central, minha tão querida BCE. Às vezes dormia, às vezes estudava, às vezes lia, às vezes treinava comigo mesma um pouco dos sinais de Libras. Ia sozinha, era um pouco solitário e libertador. Já no estágio, eu revisava textos e elaborava documentos, cuidava de demandas relacionadas ao Brasil inteiro, lidava diariamente com políticas penitenciárias, porque estagiava na Secretaria Nacional de Políticas Penais, era estagiária do Ministério da Justiça e Segurança Pública. Ia para a universidade pela manhã e ao meio-dia entrava no trabalho. Ainda não sabia, mas, até o resto da graduação, não voltaria a pisar novamente na BCE. Havia ganhado um novo local de estudo, aprendizado e trabalho.

E então, para além das duas atribuições já acumuladas, em meio a tantas reflexões sobre o escrever, o ler e o produzir, surgiu-me a oportunidade de fazer parte de uma editora. Uma editora de verdade, dessas que dá vida a histórias nunca contadas. Cabia a mim escolher aceitar ou recusar a proposta. Cabia a mim poder agir e transformar.

A decisão fora fácil. Um amigo da escola havia fundado a editora junto com sua namorada (à época). Os dois, numa decisão impulsiva (e feliz!) simplesmente escolheram juntos criar uma empresa. Coisa simples: criar CNPJ, escolher um nome oficial, vincular a uma conta bancária, fazer o upload de um site e de uma loja virtual, criar uma rede social e... buscar voluntários para fazer parte daquela história de construir um projeto sério do zero. Lá estava eu, a estudante de Letras, grande amiga do fundador, uma das principais apoiadoras e confidentes de seus feitos e de suas histórias (ele também era escritor) e tão apaixonada por literatura quanto por livros. A personagem ideal para um voluntariado tão necessário...

O convite inicialmente não fora direcionado a mim, aquele amigo queria saber se eu, por cursar Letras, tinha algum professor ou conhecia algum especialista em Machado de Assis que pudesse escrever uma apresentação ou um posfácio para a edição que fundaria o selo voltado aos clássicos de sua editora, que viria a ser a edição especial de 140 anos de *O Alienista*.

Devido ao fato de a editora ser independente e recém-fundada, ainda era difícil encontrar autores independentes que pudessem confiar suas obras literárias a dois jovens universitários-editores-chefes desconhecidos, portanto, a estratégia era utilizar obras canônicas do domínio

público. Confesso que Machado de Assis fora a escolha perfeita, a estratégia de lançar a editora fora impecável. Me conquistou de primeira. E resultou em minha assinatura na apresentação e no posfácio da edição, que saiu em capa dura, contando especialmente com uma curadoria artística de primeira qualidade (o amigo/fundador/escritor da editora também era artista, veja só, cursava Artes Visuais na UnB), e com uma seleção cuidadosa (que eu e minha melhor amiga letrista – aquela mesma do PIBIC – preparamos juntas) de conteúdos didáticos e científicos acerca da temática do livro, bem como artigos e questões atualizadas de vestibulares disponibilizados em *QR code*, exclusivo aos compradores da edição. Daí você percebe que, além de me voluntariar, também puxei minha fiel escudeira para trabalhar comigo na editora. Claro, dividir sonhos nunca fora tão fácil, espontâneo e eficaz.

A editora passava a ganhar, dessa forma, duas revisoras oficiais, integrantes fixas do corpo editorial, tomadoras de decisões importantes, junto ao amigo/fundador/escritor/artista e de sua namorada, para os livros que viriam futuramente. Nascia, desse quarteto, uma união empresarial importantíssima e uma parceria profissional que marcaria, a todos nós, o início de tomadas de decisões destruidoras e delimitadoras de barreiras.

A primeira barreira foi superada com a entrada na editora, mas outras vieram ao longo do caminho. De revisora, passei também aos cargos de editora-chefe e Diretora de Comunicação e Desenvolvimento Editorial, numa tentativa mútua de resgate do projeto, que, após a saída da minha melhor amiga e o afastamento pessoal entre os três membros remanescentes, impediu um fechamento brusco e imediato da editora, comprovando que o sonho dos três idealizadores se sobrepuja às suas diferenças. Fora necessário estabelecer uma missão, uma visão e alguns valores, fora necessário distribuir cargos específicos em se tratando da organização interna.

Foi assim que, ao longo de alguns meses, redescobrimos em nós mesmos o sentimento de fazer acontecer. Para nós, o sonho de dar vida aos livros, dar voz a autores que já foram muitas vezes silenciados e em fomentar o acesso à literatura nacional, era gritante, já que sua difusão é ainda muito baixa. O mercado de editoras e livrarias é concentrado em polos econômicos específicos no país. Nem todos os autores têm chance de publicar os seus livros e nem todos os leitores têm chance de comprá-los. Parece que os livros encarecem mais a cada dia e parece que poucos escritores brasileiros se consagram mais hoje em dia. Essa falta de acesso à literatura nacional é o que faz com que sua democratização não seja de fato garantida. Ajudar a caminhar contra essa direção era, portanto, uma das missões desses editores de primeira viagem em questão.

Nunca tive dimensão da minha contribuição, do meu trabalho e da minha iniciativa até refletir sobre os mais de dez livros que ajudei a serem publicados. Para mim, era mais importante ouvir um agradecimento sincero dos autores com quem trabalhei do que ver meu nome estampado numa ficha técnica e catalográfica. Mas, veja bem, o sentimento de ver esse nome também sempre me foi muito precioso.

Poder agir, com meus próprios instrumentos, fazendo a diferença, seja para mim, devido ao crescimento pessoal e profissional que adquiri com toda essa experiência, seja para os autores que tiveram os seus livros publicados, seja para os leitores que começaram a aparecer, era a consagração da minha função como letrista, minha primeira experiência profissional e séria, um verdadeiro presente oferecido por aqueles que me deram a oportunidade de fazer parte dessa “concepção de histórias”. E, em mim, esse sonho durou por dois bonitos anos, até ceder lugar a uma decepção pessoal difícil de ignorar.

Relutei e briguei com meus próprios sentimentos, mas não fui capaz de permanecer trabalhando com uma pessoa que passara a desprezar. Reuni coragem e deixei a editora quando percebi que o meu caminho não mais se cruzaria com o do fundador. Mas jamais deixei de guardar dentro de mim o sonho que um dia compartilhamos juntos.

Eis o momento da segunda decepção: mais parcerias frustradas que se findaram em termos de ciclos, trabalhos e amizades. O que fica do meu trabalho na editora, para além dos livros já publicados, é a reflexão sobre mudanças, perdas e surgimentos de novos caminhos.

Assim como foi com o primeiro orientador, fora necessário erguer barreiras, por mais que elas tenham me custado alguns objetivos e certas frustrações, para continuar escrevendo a minha história acadêmica. A editora continua existindo e eu continuo a acompanhando de longe, torcendo sempre para que a disseminação da literatura nacional vença todo e qualquer obstáculo.

* * *

Em sala de aula, ainda na época da escola, toda vez que a minha turma decepcionava algum professor, ou toda vez que os professores tinham de “dar sermões” ou implorar desesperadamente por atenção, eu me sentia péssima. Não por fomentar comportamentos normais que adolescentes apresentam, mesmo que eu conversasse com meus amigos entre algumas explicações, mesmo que às vezes eu ouvisse música enquanto copiava no caderno os escritos do quadro, mesmo que às vezes eu fizesse os deveres de casa de uma disciplina X na aula de Y, e mesmo que eu aproveitasse as aulas específicas com cujo tema ou professor eu

mais tivesse afinidade para continuar a ler o capítulo do meu livro do momento. Eu nunca fui essa aluna “100% certinha”, mesmo que fosse, ainda assim, a que mais respeitava a posição dos docentes e a que mais observava suas decisões, seus comportamentos e suas atitudes de maneira crítica e reflexiva.

Em meio a algumas situações que ocorriam hora ou outra, eu tentava me colocar no lugar deles. *Não sei se tomaria essa decisão, nem se escolheria essa abordagem para responder tal aluno. Mas também não sei se chegaria numa resolução tão prática e eficiente do problema.* Era assim que pensava, ao mesmo tempo que sentia empatia pelo educador e questionava a minha capacidade e o que viria a ser a minha autoridade docente em sala de aula.

Os professores gostavam de mim porque sempre pratiquei a gentileza e a empatia ao longo de suas aulas. À medida que os defendia ferrenhamente – e por isso assumisse uma posição de combate com meus colegas, o que fez com que muitos deles passassem a me detestar – tentava conversar com os professores posteriormente, de forma a fazê-los perceber que nem sempre nós, alunos, os decepionávamos por vontade própria.

É claro que doía em mim quando algum colega desrespeitava qualquer servidor na escola, desde secretários a caixas da cantina, e doía mais ainda quando esse mesmo colega entrava em discussão com o professor no meio da aula. Já presenciei cenas extremamente desrespeitosas e humilhantes, mas jamais, sob nenhuma hipótese, deixei de acreditar nas virtudes da paciência e da resiliência, sobretudo, no poder transformador e humanizador da educação.

Enquanto, ainda na escola, já pensava em todas essas questões, nem tinha ideia de que para ser professor é preciso passar por algumas etapas na graduação em licenciatura. No caso do Português, conforme o currículo mais atualizado do período matutino, devem-se cumprir dois estágios obrigatórios, de 120 horas cada, considerando que preferencialmente o primeiro seja voltado aos Anos Finais do Ensino Fundamental, e o último, ao Médio.

Cumpri ambos os estágios em semestres diferentes, tendo em mente e em coração a concepção de que, há 28 anos, Paulo Freire havia refletido precisamente sobre o fator que relatei a você em alguns parágrafos acima: “É interessante observar que a minha experiência discente é fundamental para a prática docente que terei amanhã ou que estou tendo agora simultaneamente com aquela” (Freire, 2020, p. 87).

No estágio obrigatório 1, retornei à minha escola de formação. Além de lidar com as relações humanas, no contato direto, afetuoso e respeitoso com a estimada professora supervisora que me deu aula de Português no sétimo ano, com os alunos das turmas com que tive contato, com o restante do corpo docente, bem como com alguns de meus professores do

Ensino Fundamental II e Médio, e até mesmo com a equipe de servidores da instituição, obtive como produto, semanalmente, por dois meses, crescimento, aprendizado e autonomia.

Lembro-me de que as minhas expectativas iniciais estavam bastante atreladas ao sentimento de ansiedade por entrar em sala de aula – pela primeira vez não sendo aluna –, e também por medo de não me sentir realizada na docência. Todavia, em relação ao meu exterior, minhas expectativas estiveram sempre bastante elevadas, tendo em vista que voltaria à escola onde me formei e tornaria a dividir espaço com a professora tão amada e querida que me deu aula no Ensino Fundamental. Desde o sétimo ano, construímos, para além da relação aluna-educadora, uma amizade que perdura até os dias de hoje.

Após ter trabalhado Redação com duas turmas de oitavo ano, aos poucos percebia que as minhas expectativas iam sendo superadas, uma vez que meu medo deu lugar à certeza de permanecer na docência – ainda que eu sentisse (e viesse a constatar futuramente) que preferiria o Ensino Médio ao Fundamental.

Estar em sala de aula como estagiária-observadora, pela primeira vez, foi essencial para meu crescimento pessoal e profissional e serviu como fomento para meu desejo latente de realizar a docência o mais rápido possível. Esse sentimento se tornaria ainda mais forte no momento de realização do próximo estágio, mas ainda não sabia.

No estágio obrigatório 2, trabalhei em conjunto com uma de minhas queridas amigas também da graduação. Escolhemos, desta vez, uma instituição de ensino sugerida pela professora orientadora da disciplina. O plano de ação que eu e minha dupla adotamos se baseou no eixo de prática de linguagem da oralidade, leitura-escuta, e da produção escrita e multissemiótica, e consistiu em preparar aulas de redação (mais uma vez!... sim, estimado leitor, devido a algumas circunstâncias do destino, mais uma vez, a gramática e a literatura ficaram de lado...) para as terceiras séries do colégio escolhido, além de realizar a correção de redações colocadas em prática pelos estudantes das turmas em que o professor supervisor da escola desenvolveu o ensino do Português durante o segundo bimestre do ano letivo de 2024.

Nossa metodologia se baseou na corrente pedagógica freiriana, na tendência liberal renovadora progressista e, em destaque, na progressista histórico-crítica, uma vez que definimos, juntas, que os estudantes seriam o centro do processo de ensino-aprendizagem e que eles deveriam, a sós e em conjunto, fomentar sua análise crítica acerca da sociedade e demonstrar seus conhecimentos linguísticos, culturais e histórico-sociais já adquiridos por meio das dinâmicas propostas. Optamos por uma metodologia criativa, inovadora e autônoma. Já havíamos cursado todas as disciplinas de educação na faculdade e estávamos, portanto, mais maduras.

Experenciar o Ensino Médio, mais uma vez, com a diferença, dessa vez, em não ser aluna, mas sim professora, foi reviver a melhor época que já vivi. Sinto saudade da escola e creio que sempre pertenci e pertencerei àquele lugar. O Ensino Médio me chama a atenção e me conquista mais a cada dia. Sempre aguardava ansiosamente pela próxima vez em que estaria na escola e interagiria novamente com os alunos. A necessidade de estar em sala de aula era tanta, que chegava a afetar meus outros compromissos e responsabilidades do cotidiano. A vontade de me formar, que nunca foi prioridade, passou a dominar meus pensamentos, com o único objetivo de que eu pudesse logo colocar as mãos no diploma e ser contratada em alguma instituição de ensino.

* * *

Ao longo desta atividade de rememorar, lembrei-me de um texto que escrevi, antes mesmo de cursar os estágios obrigatórios, no terceiro semestre, como trabalho final para a disciplina Teoria e Prática da Análise do Texto, ministrada também pela minha orientadora Patricia Nakagome. O objetivo era escrever uma carta, com destinatário à escolha, que discorresse acerca do sentido de ler. Intitulei-a como “Carta de leitura: das histórias que ainda não foram criadas aos olhares que brilham”. Deixo-a de presente a você e convido-o a ler, provavelmente, a carta mais bonita que já escrevi a alguém, a precursora desta monografia:

“Brasília, abril de 2022.

Queridos alunos,

Ainda não os conheço. Mas espero ansiosamente pelo dia do nosso encontro. Não sei como vou agir, posso simplesmente ter uma crise de pânico e sair correndo da sala de aula. Posso também me disfarçar de aluna (outra vez) e fingir que sou uma de vocês. A grande questão é que não me vejo lá, na sua frente, te dando aula, como sempre sonhei e amei imaginar acontecendo.

Porque ainda me vejo como a aluna que ocupa a primeira carteira da sala, divagando com as histórias maravilhosas (e horríveis também!) que me contavam. E é por isso, talvez, que eu me empolgue bem mais que vocês nas nossas leituras coletivas.

Não sei as suas idades, não posso imaginar a cor dos seus cabelos, os acessórios e trejeitos que os fazem ser únicos, muito menos seus nomes – embora eu tenha certeza de que haverá, certamente, alguma Ana ou algum João sentados em algum lugar da turma. O que eu mais imagino, na verdade, são seus olhares, e eles brilham. Sei que brilham porque isso acontece sempre – pelo menos uma vez – com as pessoas, quando elas se descobrem imersas numa leitura. E é lógico que meu desafio é causar-lhes impacto suficiente para que eu possa coletar e colecionar os seus olhares.

Não sei ainda se sou eu quem vai ler ou se vou deixar-lhes ir lendo de forma revezada, parágrafo por parágrafo, capítulo por capítulo. Também não sei se vamos demorar um ou dois horários para completar a leitura. Mas sei que uma hora, certamente, chegaremos nas páginas finais e no tão esperado (a este ponto, será medonho) ponto final. E, neste dia, vocês hão de compreender a minha empolgação.

A leitura a que me refiro poderia ser qualquer uma: de um romance clássico a um contemporâneo, de uma crônica a um conto que ainda nem foi escrito, de textos até mesmo meus, mas me refiro, aqui, nesta carta, às histórias que criaremos juntos, às leituras de mundo de vocês e às invenções que poderei ler, com tanto carinho, presentes nas folhas que vocês vão destacar do seu caderno para me entregar.

Aguardo ansiosamente pelo dia em que descobriremos novos mundos e exploraremos limites que possam ser expandidos. Não vou negar, sou (claramente) adepta à fantasia. Mas também podemos trabalhar com os realistas. Na verdade, devemos trabalhar com os realistas. Porque quero que vocês descubram que fugir para outros universos é sempre muito bom, mas viver no nosso é algo que só nós podemos fazer. As personagens que vocês vão conhecer possuem histórias com fim – outras, sem fim. Mas a nossa história será sempre uma surpresa. E as leituras que faremos, ora juntos, ora separados, terão o poder, espero, de modificá-los eternamente.

Com isso, retomo o primeiro parágrafo desta carta, porque não quero somente estar à sua frente para te dar aula. Imagino-me, na verdade, fazendo mais. Pretendo apresentar-lhes possibilidades.

Caros alunos, espero ler e espero ser lida. Espero também ouvir, ouvir de vocês as suas leituras, enxergar, enxergá-los lendo, sorrindo, chorando, vivendo, com olhos brilhando.

É isso, a meu ver, que é leitura.

(A minha e a sua).

E, quando o dia chegar, vocês hão de compreendê-la também.

Decidi que ficarei de pé – assim posso coletar os seus olhares com mais facilidade.

Mas ainda me lembro de estar sentada naquela carteira vaga.

Espero retornar para lá um dia.

Com carinho,

Para meus futuros leitores e escritores,

De sua futura professora”.

Ao reler minhas palavras junto com você, penso que, numa iminência do destino, ainda não me sinto, de fato, *professora*, essa com todas as letras, com todos os títulos e com todas as turmas. Todavia, sem sequer uma experiência profissional da docência no currículo, o sentimento de pertencimento à sala de aula é intrínseco. O realizar-se em outra profissão ou atividade soa impossível. O chamado da educação é irrecusável, inalienável, imperioso sobre qualquer outra vontade.

EPÍLOGO: DAS ENTRELINHAS QUE COMPÕEM UM(A) ESTUDANTE DE LETRAS

Brasília, alguma data perdida do mês de agosto de 2024.

Costumam dizer que o curso de Letras é mais de humanas do que de línguas. Eu concordo. Acredito que, assim como todo curso de humanas, o curso de Letras permite ao estudante sentir a maior das euforias ao descobrir uma nova leitura de uma obra há muito conhecida, e, em contrapartida, sentir-se aprisionado dentro de padrões que, até então, após tantas discussões diárias, ainda não foram superados.

Me perguntava (e me pergunto até hoje) se quem faz o curso são os alunos ou os professores. É claro que, para efeitos de tomada de decisão, só temos voz por meio das gestões acadêmicas, que mudam de eleição em eleição. Quem é que decide qual estrutura curricular que devemos seguir, por que a carga horária demandada é tão alta e quais são as disciplinas que devem ser ofertadas especificamente no terceiro semestre?

Em termos institucionais, a decisão é mesmo sempre dos coordenadores do curso. São eles que decidem revisar o currículo mais recente de determinada graduação. São eles que também escolhem se há, de fato, a necessidade de manter uma disciplina A como pré-requisito de uma B, e, em outros casos, se não está faltando mais critério para a organização do fluxo curricular. Se existem, por exemplo, duas disciplinas de Sintaxe e, se a segunda não requer de o estudante ter passado pela primeira, o andamento daquela disciplina certamente será prejudicado.

São esses mesmos coordenadores que se mostram dispostos a ouvir (ou não) as reclamações, as frustrações e as preocupações dos estudantes, porque são esses coordenadores que terão poder administrativo para providenciar a abertura de novas turmas de matérias obrigatórias em novos horários, a garantia da matrícula de discentes que podem vir a ter choque de horários com demandas externas à universidade, a aprovação de solicitações de bolsas e concessão de créditos e a assinatura em documentos oficiais, como contratos de estágio.

É por causa dessas razões e de outras tantas que reflito sobre quem exatamente é que detém o protagonismo institucional na academia. E a resposta está em ambos os lados, em realidades díspares. Para que o curso ande e se desenvolva, é necessário existirem alunos compromissados e engajados com as mudanças e requisições, à mesma medida que é necessário haver gestores que se responsabilizem para garantir as mudanças necessárias à graduação.

É necessário, sobretudo, nesse processo, que se destaquem as “pessoas de humanas”, dispostas a enxergar sempre todos os lados: desde o respeito pela tradição, pelas regras e pelo padrão, até a aceitação do novo, do tecnológico e do ideal para determinados contextos. Acredito que refletir sobre tudo isso, embora não seja, de fato, tão fácil escapar de algumas prisões, seja o primeiro passo para entender melhor o funcionamento da graduação, facilitando até mesmo a possibilidade de uma abordagem mais leve e gentil com os desafios que se projetam frente a um estudante de Letras.

Como já escrevi anteriormente, não te preparam para o mundo da pesquisa. É solitário, árduo e vazio. É cíclico. Você pesquisa, escreve, publica. E então você precisa publicar cada vez mais para poder escrever cada vez mais. Daí você escreve cada vez mais para poder publicar cada vez mais. E então você não publica nada. E os seus textos sobram junto com você. Porque não vão te contratar sem um currículo preenchido por títulos. E o tempo passa e as oportunidades se esvaem junto com a vontade que um dia você teve de pesquisar, contribuir para a ciência e inovar.

A iniciação científica também é solitária, como mostrei. Não são muitos os alunos que pensam ideias redondas e têm coragem de transformá-las num plano de trabalho, porque não são muitos os professores que estão dispostos a orientá-los. A graduação é lotada de relações hierárquicas. Não há espaço para uma verdadeira autoria. Ou você se encaixa na linha de pesquisa daquele docente tão requisitado, ou você vai ficar sempre numa lista de espera. Talvez seja por isso que a divulgação seja tão baixa. A iniciação científica é um universo escondido. Ou você é convidado a fazer parte dele, ou você tem um amigo veterano que já se arriscou e o aconselhou a não trilhar o mesmo caminho. O que te sobra são rascunhos e, talvez, alguns créditos devido a uma monitoria.

É muito clara também a divisão no curso entre as habilitações. Apesar de o leque de oportunidades na área ser vasto – maior do que em outras licenciaturas e bacharelados – o medo do mercado de trabalho parece ser maior entre os futuros bacharéis. De que adianta, de fato, analisar a língua portuguesa arcaica e consumir diariamente a angústia de não querer jamais trabalhar com tal área? São duas as suas escolhas: converter-se à revisão gramatical ou então empenhar-se para seguir a área acadêmica. Sobreviver de pesquisa àqueles que sentem prazer no ofício e àqueles que se veem obrigados a segui-lo, infelizmente, não é opção.

Os que vêm se formando ao meu lado, além de terem enfrentado uma pandemia, também tiveram de lidar com uma greve de técnicos e docentes que durou quase três meses. É assim que mesmo aqueles que não querem atuar numa sala de aula são afetados pelas condições do sistema educacional.

Por isso, devo ainda, neste ponto, discorrer brevemente acerca da desumanização da docência. *Como pode* – eu não deixava de me perguntar em quase todas as aulas de educação – *uma graduação tão humana, gentil e bela dar lugar a um espaço de trabalho tão degradado e desumanizado? Faz mesmo parte de todos os processos – sejam os de carreira acadêmica, sejam os de carreira docente – viver sempre se sacrificando?*

O que a educação tem de bela, ela tem de problemática. Tantos exercícios, trabalhos em grupo, conceitos de didática não te preparam de fato para enfrentar questões que te põem naquela posição do limbo profundo da graduação: a parte dos medos. Nunca me ensinaram a estar na posição de docente, eu sempre fui a aluna a me sentar na primeira carteira do lado direito.

E será que, quando eu entrar em sala de aula pela primeira vez na vida, não como estudante, vou saber ser professora? Apavora a ideia de ser literal e tremendamente responsável por seres que já devem pré-odiar a nova professora unicamente pelo seu componente curricular ser português. Como encarar a primeira reunião de pais? E como ser admitida numa instituição particular de ensino, se, há 3 semestres, a nota 10 na prova de Sintaxe foi só 9,5? Mais do que isso, como elaborar provas, escolher exercícios, criar eu mesma os meus gabaritos? Desencoraja pensar, nesses momentos, em quantos sonhos existem dentro de mim e na forma como eles parecem nunca tomar uma forma porque só existem numa realidade utópica em que a profissão passará a ser extremamente valorizada e justamente remunerada.

Eu sei que no fim tudo dá certo, mas tal fato não anula a dor de todo o processo.

Como aliviar a agonia de, em plena graduação, eu não saber discernir, numa locução frasal devidamente preposicionada, um adjunto de um complemento nominal?

É aí que, quando todos me perguntam, faço questão de responder: entrei no curso para sair uma professora de gramática, mas, no meio-tempo, fui conquistada pela literatura. As pessoas não entendem minha dificuldade em escolher uma das duas. Eu mesma não entendo. E a grande questão que envolve esse debate é que, no fim das contas, eu não preciso necessariamente *escolher* uma em função da outra.

Retomando uma questão já iniciada anteriormente, explico o porquê de ter imergido majoritariamente no mundo da literatura: ao longo de toda a graduação, a maior parte das disciplinas que cursei eram do Departamento de Teoria Literária e Literaturas. Aconteceu de a oferta semestral e de os horários caírem perfeitamente bem na minha rotina e na minha escolha em seguir à risca a estrutura curricular do curso. Também me obriguei a “conhecer” as escolas literárias pela ordem cronológica. Minha experiência com 90% dessas disciplinas fora acompanhada por muitas descobertas e epifanias. Não foi culpa minha. A Literatura faz isso

mesmo com a gente. E, é claro, a professora-destaque (aqui, orientadora) que fez meu coração palpitar de uma forma diferente também tem grande responsabilidade nisso.

Conhecer autores novos, visitar as correntes, as escolas e os movimentos literários, estudar de forma mais aprofundada teorias cujo nome apenas ouvimos ser citado na escola, redigir textos poéticos sem necessariamente fazer métrica ou construir rimas, debater em sala de aula, ao vivo, com outras pessoas, podendo ter acesso a seus textos e suas leituras de mundo... É tudo mágico e especial. As disciplinas de literatura coloriam os meus dias, me conquistavam aos poucos, me faziam imaginar que eu também poderia conduzir aulas daquele tipo um dia. Como tive uma experiência medíocre com a Literatura no Ensino Médio, descobri-la na graduação foi como descobrir um lado meu que estava esperando, durante todos esses anos e ao longo de todas as vidas, pelo seu despertar.

De outro lado, a escola me fez constatar que a norma padrão da língua deveria ser o meu objeto de estudo eterno. Não entendia por que meus colegas não gostavam dos professores de gramática que tivemos. Havia horas em que ser a única a responder as perguntas que os professores faziam se tornava cansativo. Todos já sabiam que eu era “a menina da gramática e do português”. Aqueles que tiraram, num bimestre em específico, centésimos a mais na nota da prova de gramática na primeira série se sentiram imbatíveis. Eu chorei por “ter ido mal” na primeira prova. Me autocobrava para gabaritar. Não admitia errar uma questão sequer. Minhas respostas eram sempre longas e minhas análises gramaticais, extremamente complexas.

Eu amava corrigir questões nas aulas e ver as minhas respostas indo de encontro com o gabarito dos professores. Era uma sensação única. Eu simplesmente me sentia confortável quando chegava a hora de trabalharmos sobre os tipos de vozes, sobre as classes de palavras, sobre os tipos de orações, sobre a transitividade dos verbos, sobre as diversas funções do “se”, sobre pontuação e sobre períodos compostos... Era ser muito “do-contrário” gostar de regras, uma vez que é natural dos seres humanos não gostarem delas. A gramática normativa aprisiona, demanda, obriga, até se contradiz..., mas a gramática normativa era (e é) o que fazia o meu coração bater mais rápido. Segui, assim, o que ele ordenava.

Por dois semestres, já na UnB, tive aula com aquele professor de gramática que considero ser uma espécie de “deus” do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. Aquele professor de que todos falam nos corredores e nos grupos de chats. Aquele professor que possui a metodologia e o plano de aula perfeitos, cuja didática é tão sua, que é difícil imaginar dando aula em seu lugar qualquer outro profissional, por mais qualificado que seja. É que ele faz a gramática da Língua Portuguesa ser divertida, interessante, fácil de se compreender, ele faz a gramática ser ainda mais *bonita*.

Quando penso em dar aula de gramática, dessa forma, insiro-me imediatamente nos anos finais do Ensino Fundamental: oitavos e nonos anos. Já quando penso em dar aula de literatura, sonho em trabalhar com as segundas séries do Ensino Médio só para ensiná-los sobre romantismo, realismo e naturalismo. Contudo, quando penso em dar aula, seja de gramática ou de literatura, volto a sentir aqueles medos. Medo de não saber como formar os meus alunos e fazê-los entender a diferença de um objeto direto para um indireto; medo de não saber conquistar os meus alunos e fazê-los se apaixonar pelo fundador da Academia Brasileira de Letras, ou de não saber datar precisamente o lançamento de uma de suas obras.

Mesmo amando-a e desejando-a, dia após dia, sinto medo de dar aula de gramática, particularmente por não saber até hoje como classificar sintaticamente alguns termos, realizar a separação mórfica de um verbo, caracterizar um fonema entre oclusivo e fricativo, explicar o porquê de o gênero morfológico ter diferentes abordagens de gramáticos, e não lembrar como se faz uma tabela da verdade em se tratando de semântica. Mesmo amando-a e desejando-a, dia após dia, sinto medo de dar aula de literatura e não me lembrar dos nomes daqueles autores menos citados, de não dar visibilidade para as mulheres que foram tão apagadas ao longo da história, de não saber interpretar um poema do Arcadismo, de contar equivocadamente as sílabas poéticas, de confundir os conceitos de algumas figuras de linguagem e de não saber recitar um poema sequer de Carlos Drummond de Andrade de cabeça. Sinto medo de não ser boa o suficiente, de não me destacar em meio a tantos outros profissionais tão formidáveis e experientes.

Eu sei que não vou começar sendo contratada para assumir uma turma, porque nós sempre começamos de baixo. Me contentarei, no início, em ser estagiária, monitora, concurseira, professora-auxiliar, mas preciso buscar em mim o diferencial que o mercado de trabalho requer nos dias de hoje.

Esses medos, é claro, podem e devem ser superados, uma vez que todo professor se prepara para dar aula. O estudo e o aprimoramento de suas habilidades deve ser constante. Um professor está sempre estudando, pesquisando e mantendo-se atualizado. Um professor está sempre ensinando e aprendendo. E, quando penso nisso, todos esses medos dão lugar a um certo entusiasmo.

Os medos, portanto, formam um sujeito fraco, doente e improdutivo, mas, sobretudo, os medos formam um sujeito humano. Somos todos feitos de medos, e os cantos das salas, os corredores estreitos e até a parte debaixo das escadas na universidade parecem locais seguros para só parar por um segundo e se permitir respirar. As leituras, por mais que enriqueçam, nos fazem imergir em nossos próprios pensamentos. É nessas horas que me vêm à mente os

devaneios pós-debate, as trocas nas rodas em sala de aula e até aquele sorriso amarelo, esperançoso e virtual numa tela retangular, resquício de um ensino à distância. Nessas horas, os escritos de Paulo Freire, Leandro Karnal, Rubem Alves, Debora Diniz e Antonio Candido te relembram sobre o agir, o tentar, o se permitir e o sonhar. Ser professor é ser medroso diariamente, porque ser professor requer ser corajoso. E a coragem sempre requer um pouco de “e se”s...

É por isso que, por mais que estejamos fadados a enfrentar burocracias, que naturalmente fazem parte de todo e qualquer processo, ainda podemos atingir nossos objetivos. Uma epifania numa aula de literatura, uma curiosidade histórica numa aula de linguística, um abraço caloroso de “boas-vindas” recebido no corredor, o almoço favorito servido no RU, a obtenção de uma menção maior do que a esperada, um desabafo recíproco deixado como forma de segredo sob o teto do banheiro, o sentimento de alívio por mais um fim de semestre, a entrega, no último segundo, de um trabalho árduo, dolorido, complexo, o autorreconhecimento do seu próprio valor, a superação de todos os medos, e todas as demais sensações possíveis de sentir na graduação são aquilo que verdadeiramente acompanham um estudante de Letras.

Em alguns casos, você pode ganhar uma bolsa de estudos num projeto de tutoria. Em alguns casos, você pode ser financiado pela sua família e pela universidade para ser intercambista. Em alguns casos, você se candidata a uma chapa de eleições para disputar a coordenação do centro acadêmico do curso. Em alguns casos, você participa de torneios em cidades distantes para disputar pelo título de campeã para sua atlética. Em alguns casos, você faz amizades que realmente te acompanharão por toda a vida. Em alguns casos, você se autodescobre capaz e suficiente. E, em alguns casos, você encontra o orientador ou a orientadora que te faça perceber que o protagonismo da sua história só depende de você.

Passados todos os semestres, as horas complementares, as disciplinas obrigatórias e as optativas (que, na verdade, são obrigatórias), e as festas, os happy hours, os trancamentos justificados, as vitórias e humilhações, é chegada, portanto, a época das formaturas e das conclusões. Como fazer surgir o tão temido ponto final? Alguns mal veem a hora para concluir o curso e outros ainda se sentem perdidos, sem saber se tentam uma vaga na pós ou se partem para o mundo dos concursos. Fato é que todo letrista sonha com o diploma em mãos. Será que vamos mesmo enquadrá-lo como fazem os advogados?

Na verdade, não teremos uma sala propriamente exclusiva para a isso. Trabalharemos em instituições de ensino, órgão públicos, empresas privadas e até mesmo na sala de casa. Trabalharemos com aquilo que amamos e nos contentaremos com a decepção de não sermos chamados para dar palestras vocacionais. Chegaremos ao final de todo mês com a certeza de

que cumprimos nossa parte, mesmo que não consigamos pagar a fatura do cartão de crédito na íntegra. Teremos medo de sermos mal interpretados por pais que se preocupam demais com seus filhos e se recusam a ouvir uma segunda versão de determinado ocorrido. Enviaremos artigos bem-produzidos a três revistas diferentes na tentativa de ao menos uma aceitar publicá-los. Cantaremos o Hino Nacional em algum evento solene com a sensação de pertencimento a uma pátria que tem pouquíssimo apreço pelo nosso serviço. Lutaremos em frente ao Ministério da Educação pela garantia de direitos que ora são ignorados, ora cortados. Mas continuaremos sendo eternamente letristas e licenciados. Não se fazem mais professores hoje em dia. São os professores que fazem os outros e todas as outras profissões.

A QUEM INTERESSAR POSSA

Brasília, já em setembro de 2024.

Caríssimo e estimado leitor,

Como última carta, despeço-me de você, desta escrita e deste exercício reflexivo polifônico, compartilhado com outras tantas vozes – as que me moldaram, as que me acompanharam e as suas, que leem este trabalho em voz alta ou em silêncio, com a concentração da mente – deixando ainda uma confissão.

Quando era mais nova, achava que, nas universidades e faculdades do exterior, o curso se chamava “Letters”. Um falso cognato aos conhecedores do inglês. O vocábulo germânico, em alguns contextos, de fato significa “letras”, quando é o caso de se referir às letras do alfabeto, isto é, aos símbolos gráficos que nossas sociedades utilizam na modalidade escrita de suas línguas, por exemplo; todavia, seu significado enraizado corresponde a “cartas”, no português. Hoje, essa concepção errônea chega a ser uma coincidência. Faço, produzo, leio e escrevo, sim, algumas *letters*, com a certeza de que continuarei as concebendo e guardando no meu ser. Dito isso, fazer parte de um curso tão belo, sincero e profundo é um dos maiores presentes e uma das maiores felicidades com que sou agraciada atualmente.

A melhor escolha que já tomei foi a de seguir fielmente o meu coração. Orgulho-me em dizer que componho o universo das letras que dão forma e sentido a um dos idiomas mais bonitos, complexos, sinceros e particulares que existem, e que é compreendido, disseminado e utilizado como modo de expressão em todos os continentes do nosso planeta, como é o caso do português. A Língua Portuguesa é uma entidade viva: ela é feita por mim e por você, ela se modifica, se altera, evolui e se adapta ao ser humano, é um organismo dinâmico, abstrato e, ao mesmo tempo, concreto. Neste último caso, defino-a como língua concreta por compreender que ela me faz ser quem sou como indivíduo no mundo: ela sou eu e eu a faço ser ela.

Há muito tempo, fui escolhida por ela e a aceitei de bom grado como quem aceita um singelo presente da avó. Quis revelar a minha escolha para que todos soubessem das maiores certezas que me acompanham desde que me entendo por gente: o porquê do português, o porquê do curso e o porquê da profissão.

Neste momento, caro leitor, você já tem acesso a essas respostas.

Espero, do fundo do coração, que você encontre – caso ainda não tenha achado – as respostas para as perguntas que te formam e te perseguem, profissional e pessoalmente. Se o chamado da educação também é irrecusável para você, corra até ela e a transforme, a seu modo,

a seu tempo. Se ensinar e aprender são concepções que, para você, andam juntas, coladinhas uma a outra, busque achar alunos que irão entendê-lo e que estarão dispostos a descobrir, aos poucos, a magia que é ter contato com as Letras, em suas mais diversas formas de expressão.

Mas, principalmente, se há histórias guardadas em sua essência, compartilhe-as com os destinatários de sua escolha, atue no palco da vida, seja como ator, escritor ou agente do seu próprio enredo e escreva e leia. Escreva para eternizar e leia para descobrir que todos os dias poderão vir a reservar novos olhares sobre a vida, sobre o mundo e sobre os seus sonhos, que podem e devem ser realizados.

A felicidade é o meu desejo. E, enquanto eu puder ensinar, aprender e demonstrar que a literatura pode ser e é uma das portas que dão acesso a algumas alegrias e esperanças da vida, serei completa e feliz. Enquanto eu puder utilizar a minha trajetória como base para que outras sejam criadas e construídas também, sentir-me-ei realizada e satisfeita.

Espero que estas cartas despertem o que há de melhor em você, porque é isso que espero que minhas aulas despertem nos meus alunos, e porque é isso que espero que minha presença desperte nas vidas daqueles que escolhem cruzar os seus caminhos ao meu. Enquanto isso, aguardarei ansiosamente pelas respostas a elas, que poderão vir em formato concreto ou em pensamento e sentimento. Que essas respostas cheguem até mim como uma certeza de que fui lida, compreendida e de que as reflexões e conclusões a que chegamos, juntos, tocaram alguns corações.

E é claro que não poderia deixar de preencher minhas palavras, minhas cartas e todos os meus textos com meus mais profundos sentimentos. Não me autorizo nem me atrevo a dissociá-los de minha experiência discente, docente, profissional e pessoal.

É com muito amor guardado dentro de mim, portanto, que agradeço a você por ter sido meu primeiro leitor, interlocutor e destinatário.

Com carinho,

A autora, sua remetente e eterna colega e menina das Letras

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. Campinas: Papirus Editora, 2000.
- ANDERSON, Leon. Analytic Autoethnography. *Journal of Contemporary Ethnography*, v. 35, p. 373-395, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 2ª ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi, São Paulo: Hucitec, 1986.
- _____. *Os gêneros do discurso*. Vol. 1. (Trad. e Org. Paulo Bezerra). São Paulo: Editora 34, 2016.
- _____. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. (Trad. Paulo Bezerra). 5ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.
- _____. *Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance*. São Paulo: Annablume/Hucitec, 2002.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas – Magia e técnica, arte e política*. (Trad. Sergio Paulo Rouanet). 7ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 50ª ed., São Paulo: Cultrix, 2015.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Resumo Técnico do Censo da Educação Superior 2022*. Brasília, 2023.
- CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos. In: _____. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira (momentos decisivos)*. 7ª.ed., Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia, 1993.
- _____. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- DINIZ, Debora. *Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa*. Brasília: Letras Livres, 2012.
- ELLIS, Carolyn. *The Ethnographic I: A Methodological Novel About Autoethnography*. Walnut Creek: AltaMira Press, 2004.
- FERNANDES, Morgana de Melo Feijão de Nogueira. *POR UMA CRÍTICA LITERÁRIA AUTOETNOGRÁFICA*. 2022. Monografia em Literatura (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura) - Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2022.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 65ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.
- KARNAL, Leandro. *Conversas com um jovem professor*. São Paulo: Contexto, 2012.
- MAIA, Suzana; BATISTA, Jeferson. Reflexões sobre a autoetnografia. *Prelúdios*, Salvador, v. 9, n. 10, p. 240-246, 2020. DOI <https://doi.org/10.9771/revpre.v10i10.37669>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistapreludios/article/view/37669/26323>. Acesso em: 16 jul. 2024.
- NAKAGOME, Patricia Trindade. Algumas questões (muito pessoais) sobre a crítica literária hoje. *Teresa*, São Paulo, n. 18, p. 227-239, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/127476/138358>. Acesso em: 25 jun. 2024.

RENAN (2014). A flor-de-lis como símbolo do curso de Letras. *Blogger.com*. Disponível em: <https://interludico.blogspot.com/2014/11/a-flor-de-lis-como-simbolo-do-curso-de.html>. Acesso em: 18. jul. 2024.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O pequeno príncipe*. 50ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 2014.

VESCHI, Benjamin. ETIMOLOGIA DE UNIVERSIDADE. *Etimologia – origem do conceito*. Disponível em: <https://etimologia.com.br/universidade/>. Acesso em: 18. jul. 2024.